

## **O TRAÇO, A COR, A TÉCNICA: LEITURA DA OBRA DE ARTE “NEGRAS LIVRES VIVENDO DE SUAS ATIVIDADES”.**

André Luis de Castro Albuquerque<sup>1</sup>  
Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Norberto Stori<sup>2</sup>  
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Esta pesquisa faz parte de minha dissertação de mestrado realizado no departamento de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura onde nos propomos problematizar a litografia debretiana intitulada “Negras Livres vivendo de suas atividades” realizada entre os anos de 1816 a 1831, tempo este de estadia de Jean Baptiste Debret na cidade do Rio de Janeiro então sede da monarquia portuguesa que havia chegado em nosso país em 1808. Nossa intenção é discutir a importância dessa obra na construção imagética do cotidiano da sociedade colonial nos indos século dezanove e sua importância como documento histórico. A pesquisa tem caráter bibliográfico, a metodologia utilizada e o de cruzamento de informações obtidas e deixadas pelo pintor com outras fontes históricas como cartas e outras informações textuais que se encontram no acervo da Biblioteca Nacional situada na cidade do Rio de Janeiro, bem como, no IHGB situado também na referida cidade com a imagem em questão.

**PALAVRAS CHAVES:** ARTE, DEBRET, NEGRAS

**ABSTRACT:** ART, DEBRET, NEGRESSES

---

<sup>1</sup> Autor, Historiador, Professor Estadual da rede de ensino de São Paulo, Mestrando em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM.

<sup>2</sup> Orientador, Prof. Titular do Progr. de Pós-Grad. Educação, Arte e História da Cultura e Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie/SP. Prof. Adjunto do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista/SP. Prof. Universidade São Judas Tadeu/SP. Ministra cursos, workshops de aquarela, gravura em metal no Brasil e no exterior: Curso de Aquarela no IBRIT-Instit. Brasil Itália/Milão.



NEGRESSES LIBRES, VIVANT DE LEUR TRAVAIL.

Négresses libres, vivant de leur travail<sup>3</sup>

Litografia de Thierry Frères, Succrs. de Engelman & Cie.

15,3 x 21,3 cm, gravura inserida na prancha de 32 do segundo volume do álbum *Voyage Pittoresque et Brésil*, publicado em 1835.

Na litografia em análise são apresentadas cinco pessoas sendo um homem e quatro mulheres em uma rua da cidade do Rio de Janeiro. Ao observarmos a imagem percebemos o destaque dado pelo pintor para as roupas das negras bem como o calçamento da rua com pedras e uma negra bem vestida e com um penteado discreto oferecendo algo para as outras negras dentro da loja, estes sujeitos são apresentados pelo pintor em primeiro plano na obra.

<sup>3</sup> Esta litografia é a original que pertence a Biblioteca Nacional da cidade do Rio de Janeiro, foi digitalizada em 2008 por ocasião das comemorações dos 200 anos da vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil.

No segundo plano da obra aparecem duas negras conversando sendo que uma delas, a que aparece de sapatos, é vendedora das frutas carregadas pelo negro posicionado logo atrás. A outra negra, também liberta que se encontra do seu lado direito parece conversar com ela, as duas apresentam no campo visual roupas pouco habituais às escravas da época. No terceiro plano vemos duas outras escravas que se encontram bem afastadas das demais da obra, e embora estejam em terceiro plano, possibilitam ao leitor observar como elas fazem parte da composição da obra.

O texto descritivo desta litografia faz parte do estudo e da observação realizada pelo pintor nas ruas do Rio de Janeiro que serviam muitas vezes para ele como laboratório para realização de seu trabalho, como já havíamos dito não era novidade para Debret a presença de mulheres escravas ou livres vivendo de seus inúmeros trabalhos nas ruas da cidade, muitas delas conquistaram a alforria por benevolência de seus donos como salientou o artista no texto descritivo desta imagem, outras vezes era através da compra de sua liberdade fruto geralmente da aquisição de dinheiro pelo trabalho urbano.

O mais interessante ao se trabalhar com esta litografia é o fato de que o pintor nos apresenta ao longo de sua obra a ideia de que as mulheres livres encontravam mais espaços para praticar atividades nas cidades como vendedoras de quitutes e frutas, do que as negras das fazendas. Sempre bem vestidas, as negras livres de Debret são apresentadas usando o estilo das negras baianas com saias bem rodadas e turbantes outras procuravam aprender a costurar para copiar a moda francesa, estavam sempre calçadas com um belo par de sapatos com o intuito de ostentar sua condição de liberta.

Para o artista este estudo e o ato de observar os sujeitos representados pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro era algo muito natural, uma vez que o próprio Debret (1989, V.II pp.23-24) escreve: “o hábito da observação natural em um pintor de história, fui levado a apreender espontaneamente traços, característicos dos objetos que me envolviam”.

Podemos observar ao longo de todo o Segundo Tomo da “Viagem Pitoresca e Historica ao Brasil” varias negras fazendo os mais diversos afazeres com os

mais diversos estilos e posturas, podemos perceber também as diferenças empregadas pelo pintor nas personagens que se distinguem entre si pelas vestimentas e pelos apetrechos nas suas mais variadas cores adotadas pelo artista para distinguir quem era livre e quem permanecia cativo.

Segundo Lima:

“No cômputo geral das imagens de Debret, é evidente que as *gentes* e as *coisas* privilegiadas são aquelas que dizem respeito à raça negra. Tal proceder dá significado à proposta de retratar fielmente “o caráter e os hábitos dos brasileiros em geral”, anunciada no primeiro tomo da Viagem.” (LIMA, 2007, p. 293).

Essa importância dada por Debret aos escravos da cidade do Rio de Janeiro apresenta um indício de como o pintor soube aproveitar deste contato para a elaboração de suas litografias que irão compor o segundo tomo da sua obra, apresentando mais tarde na França de 1834 imagens não apenas do cotidiano da Corte, mas do dia a dia dos escravos com seus diversos trabalhos.

Por tanto, a perspectiva adotada para analisar esta litografia busca considerar a complexidade das relações entre negras libertas e de ganho no Rio de Janeiro captados por Debret nesta obra, indo além do reconhecimento de estereótipos e da presença de olhares redutores, considerando a natureza ambígua dos processos representacionais visíveis na litografia do período. Um dos aspectos em análise é a visualidade dos corpos femininos, em especial os corpos representados sob o signo do exotismo.

A obra exhibe cinco personagens, sendo uma negra em destaque no primeiro plano que apresenta seu produto a outras duas escravas que se encontram dentro do estabelecimento da venda, duas negras conversando com um negro ao lado e mais duas negras em terceiro plano também conversando. Sobre a caracterização de vestimentas e posturas observados nesta litografia, o próprio Debret vai ao discorrer sobre essa prancha nos dar pistas sobre o por que destas roupas.

É importante salientar, no entanto, que Debret pode ter se apropriado do exotismo que fazia parte da maioria das produções artísticas sobre os trópicos quando o mesmo apresenta estas negras tão bem vestidas, ou tenha a partir de sua visão neoclássica, dando beleza muitas vezes a uma realidade não tão condizente com a época. O fato é que nesta gravura os personagens são construídos com muita leveza, as negras em especial, a livre possui um “ar de superioridade”, muito condizente com a honra tão cara ao Neoclassicismo, em relação as cativas que possuem a cabeça abaixada, toda esta análise resulta sempre de hipóteses que a obra em si nos possibilita, não menosprezando seu valor histórico e artístico.

Não há nomes das personagens, na obra é a diferenciação por roupas e detalhes na litografia que situam o observador sobre a situação de escravidão ou de liberdade. Há ainda nesta obra a diferenciação entre as escravas de casa, e aquelas atuantes na rua, uma vez que alguns personagens se encontram dentro de uma casa.



Fig. 13 Detalhe das três personagens



Fig.13.1



Fig.13.2



Fig.13.3



Fig.13.4

Na figura 13 temos a presença de uma negra em primeiro plano ostentando seu gracioso vestido, o cabelo está muito bem alinhado com adornos que provavelmente remetem à sua condição de liberta, ela conversa com outras duas personagens que se encontram dentro de uma casa supostamente um local de venda de utensílios domésticos, uma vez, que na porta vemos um chapéu que possivelmente encontrava-se a venda.

Um detalhe importante que aparece neste primeiro plano da obra se encontra presente na parede ao lado das três negras, uma casa de moda francesa pois segundo Debret:

“[...] o habitante do Brasil tem-se mostrado, desde então, tão entusiástico apreciador da elegância e da moda francesa que, por ocasião de minha partida, em fins de 1831, a Rua do Olvidor (Rua Vivienne de Paris, no Rio) era quase inteiramente constituída de lojas francesas de todo tipo, mantidas pela prosperidade de seu comércio.” (DEBRET, 1989, p.50)

As duas escravas (Fig.13.1) entram nesta composição para ressaltar o trabalho desta negra livre. A negra de primeiro plano (Fig 13.2) apresenta um ramalhete de rosas nas mãos as outras duas (Fig.13.3), uma olha fixamente para as mãos da vendedora como se analisasse o produto, a outra estende a mão como querendo tocar em algo.

Percebemos ainda as diferenças sociais registradas pelo pintor quando examinamos os pés das personagens (Fig.13.4); a negra liberta se encontra calçada com um belo par de sapatos com meias brancas, enquanto as outras estão descalças o que denuncia para época sua condição de escravas, os pés da negra liberta estão afastados um do outro, um toca a calçada do estabelecimento, enquanto o outro continua na rua como se ai fosse continuidade de seu local de trabalho.

Ao continuarmos nosso estudo nos deparamos com os demais personagens dessa composição, que estão em segundo plano, duas negras livres conversam na rua



exibindo cada uma suas roupas que as distinguem do negro que carrega sob sua cabeça frutas (Fig.14).



Fig.14.1



Fig.14.2



Fig.14.5



Fig.14.3



Fig. 14.4

Fig. 14 Quitandeira e seu mulato.

Nestes três personagens observamos ainda detalhes como os brincos utilizados pelas duas mulheres (Fig, 14.1 e 14.2) bem como os adornos que trazem em sua cabeça. Na (Fig.14.3) podemos observar as pulseiras presentes no braço da negra de chapéu o que novamente põe em evidencia que nesta litografia ela supostamente é a mais rica, utilizar esse tipo de adorno reforça ainda mais a ideia defendida por Debret que estas negras ao ter contato com membros da corte em especial as mulheres ricas absorveram o gosto pela ostentação e que algumas chegaram a possuir joias.

As duas negras assim como a negra do primeiro plano usam sapatos mostrando assim sua condição de “negras libertas” enquanto o mulato cativo

encontrasse descalço (Fig.14.4) o imenso chapéu desta negra nos apresenta traços de uma quitandeira que possivelmente tem um certo *status* entre as negras libertas naquela sociedade, o que a permite possuir escravos ou pagar pelos serviços de um, supostamente devido à posição do negro na litografia - o mesmo se encontra atrás da negra de chapéu - nos dá a oportunidade de supor que ele pertence a ela, uma vez que ele se encontra descalço, o texto do próprio Debret (1989,p.131) se torna esclarecedor: “[...]as mais ricas e donas de mercadorias chamam-se de quintandeiras, situação que exige o auxílio de um mulato[...]”

Enquanto supostamente as negras conversam tranquilamente na frente do estabelecimento, o mulato (Fig.14.5) que carrega sobre sua cabeça um cesto cheio de frutas, possibilita explorar o exotismo dado por Debret a essa cena, uma vez que, o mesmo não explora apenas a questão das roupas e adornos utilizados por estas negras, ele traz para a cena uma imensa variedade de frutas colocadas cuidadosamente sob a cabeça deste personagem. Essa intenção de apresentar as frutas brasileiras nesta litografia vai de encontro ao desejo do artista de apresentar na Europa as frutas por ele conhecidas e desconhecidas por seus conterrâneos, elas se fazem extremamente presentes em seus trabalhos, desenhos, aquarelas e litografias retratando o lado exótico dos trópicos.

No final da litografia a presença de mais duas personagens que se encontram em terceiro plano (Fig.15). Podemos perceber que se trata de duas mulheres, uma delas mostra seu rosto, mas diferentemente de todas as outras da litografia se encontra com a cabeça coberta por um véu, (Fig.15.1) enquanto a outra que se comunica com ela também se encontra com um chapéu não sendo possível ver de forma precisa o seu rosto,(Fig.15.2) são negras livres por que se encontram calçadas (Fig.15.3), e encontram-se conversando como a grande maioria dos personagens desta litografia. Ainda nesta litografia, podemos perceber o empenho de Debret de apresentar os traços culturais da cidade do Rio de Janeiro em especial através da arquitetura das casas (Fig.15.4). Quando surgiram os primeiros núcleos urbanos, as mulheres se inteiravam dos acontecimentos através das frestas das varandas, muitas cobertas de muxarabiê (tipo de treliça de madeira colocada nas janelas). Aliás, as mulheres brancas, pois as negras

circulavam pelas ruas, eram consideradas peças e não pessoas, e as índias, selvagens. Mas estas galerias mouriscas – como eram chamadas – também serviam para escondê-las no espaço doméstico, protegendo-as dos olhares de quem passasse. O comércio de produtos era feito em domicílio, e era possível abastecer os lares pelas rótulas (grades de ripas) das janelas das casas térreas ou das varandas dos sobrados.

Com a mudança da corte portuguesa para o Brasil no início do século XIX, a contribuição da varanda para as práticas sociais da mulher se tornou ainda mais intensa. Esta mudança está ligada às novas formas que este espaço adquiriu. Em 1809, D. João mandou tirar os muxarabiês que fechavam as varandas por serem de origem moura e envergonharem a Coroa ao lembrarem os tempos em que Portugal ficou submetido ao domínio árabe. As varandas com guarda-corpo – estrutura metálica que evita quedas – de ferro dos sobrados oitocentistas passaram a ser denominadas sacadas ou balcões.



Fig.15.1



Fig.15.2



Fig.15.3



Fig.15.4

Fig 15 Detalhe negras conversando

Esta litografia pertencente ao Tomo II de sua obra, faz parte de muitas litografias onde negros e negras estão em um constante trabalho, poucas vezes se

percebe nestas pranchas trabalhos demasiados pesados, embora carregadores, calceteiros<sup>4</sup>, serradores e trabalhadores das moendas aparecem no corpo da obra para afirmar também que os negros faziam este trabalho que sem dúvida alguma era extenuante, o Tomo II apresenta mais negras e negros empenhados em trabalhos supostamente mais fáceis como vendedores de folhas de bananeira, porcos e aves, quitandeiras e vendedoras de bebidas e sucos, muito da percepção e variedade presentes nestes personagens de Debret, decorre de sua preocupação documental.

É possível afirmar ainda que em quase todas as cenas urbanas, as pessoas são representadas bem de perto, ocupando com destaque o primeiro plano dos desenhos, dessa forma é possível visualizar as roupas das mulheres e seus adornos, a constituição de seus corpos, as mercadorias que trazem em suas mãos e na cabeça e, sobretudo os trabalhos que realizam nas ruas do Rio de Janeiro. Debret tinha a intenção de dar ênfase ao trabalho urbano das negras e negros, e ao elaborar suas imagens, preocupava-se em estabelecer a posição de cada um na litografia, fazendo com que os indivíduos se destacassem na composição.

Podemos observar nesta litografia realizada por Jean Baptiste Debret que a rua não era apenas um lugar de transeuntes, mas local de trabalho destas negras e negros, de socialização cultural por parte dos cativos e libertos do Rio Colonial. Era muitas vezes nestes espaços urbanos que mantinham viva suas tradições e costumes, seja pelas diferenças de etnias, ou mesmo de vestimentas e indumentárias, era neste ambiente por vezes hostil que construía ao seu modo parte da cultura brasileira.

---

<sup>4</sup> Operário que faz empedramento de estradas, ruas, praças.

## REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS:

ALBERTI, Leon Batista. **Da Pintura**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **História da vida privada no Brasil: Império**. São Paulo: Companhia das letras, 1997.

ARAÚJO, Emanuel. **Negro de Corpo e Alma**. Brasil 500 Anos Artes Visuais. São Paulo, 1999. Catálogo.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: história e imagem**; tradução Vera Maria Xavier dos Santos; revisão Daniel Aarão Reis Filho. – Bauru, SP: EDUSC, 2004.

BURKE, Peter. **A fabricação do rei**. A construção da imagem de Luis XIV. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

DEBRET, Jean Baptiste. **Projeto do Plano para a Imperial Academia das Belas-Artes no Rio de Janeiro, que por ordem de S.E. o Ministro dos Negócios do Império foi feito pelos professores da mesma Academia, no ano de 1824**. Rio de Janeiro, Imperial Tipografia de P. Plancher, 1827.

DEBRET, Jean Baptiste. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978. Tomo 1.

\_\_\_\_\_, Jean Baptiste. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978. Tomo 2.

\_\_\_\_\_, Jean Baptiste. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978. Tomo 3.

FREITAS, Iohana Brito de. **Construindo o Outro: Categorias de Identificação nas Viagens Pitorescas de Jean Baptiste Debret e Johann Moritz Rugendas**. XXIV Simpósio Nacional de História - 2007, Associação Nacional de História.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo – Global, 2005.

LIMA, Valéria. **Uma Viagem com Debret**, {coleção: Descobrindo o Brasil} Ed. Jorge Zahar, RJ - 2004.

\_\_\_\_\_, Valéria. **J.-B. Debret, Historiador e Pintor: a viagem pitoresca e histórica ao Brasil (1816-1839)**. Campinas, Ed. da Unicamp, 2008.

SCHWARCZ, Lília M. **Negras imagens: Ensaio sobre cultura e escravidão no Brasil**/ Lília Moritz Schwarcz, Letícia Vidor de Souza Reis. São Paulo: Edusp: Estação Ciência, 1996.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **O sol do Brasil: Nicolas-Antonie Taunay e as desventuras dos artistas franceses na corte de d. João**. São Paulo, Companhia das Letras. 2008.

\_\_\_\_\_, LÍlian, M. **As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.